

APRENDIZAGEM NA RETOMADA

ENSINO HÍBRIDO, METODOLOGIAS E ACOLHIMENTO. DESAFIOS PARA A ESCOLA EM 2021



GESTOR

Após 2020: os desafios do planejamento de um novo ano letivo

EQUIPE PEDAGÓGICA

A formação continuada em um mundo em transição

BNCC

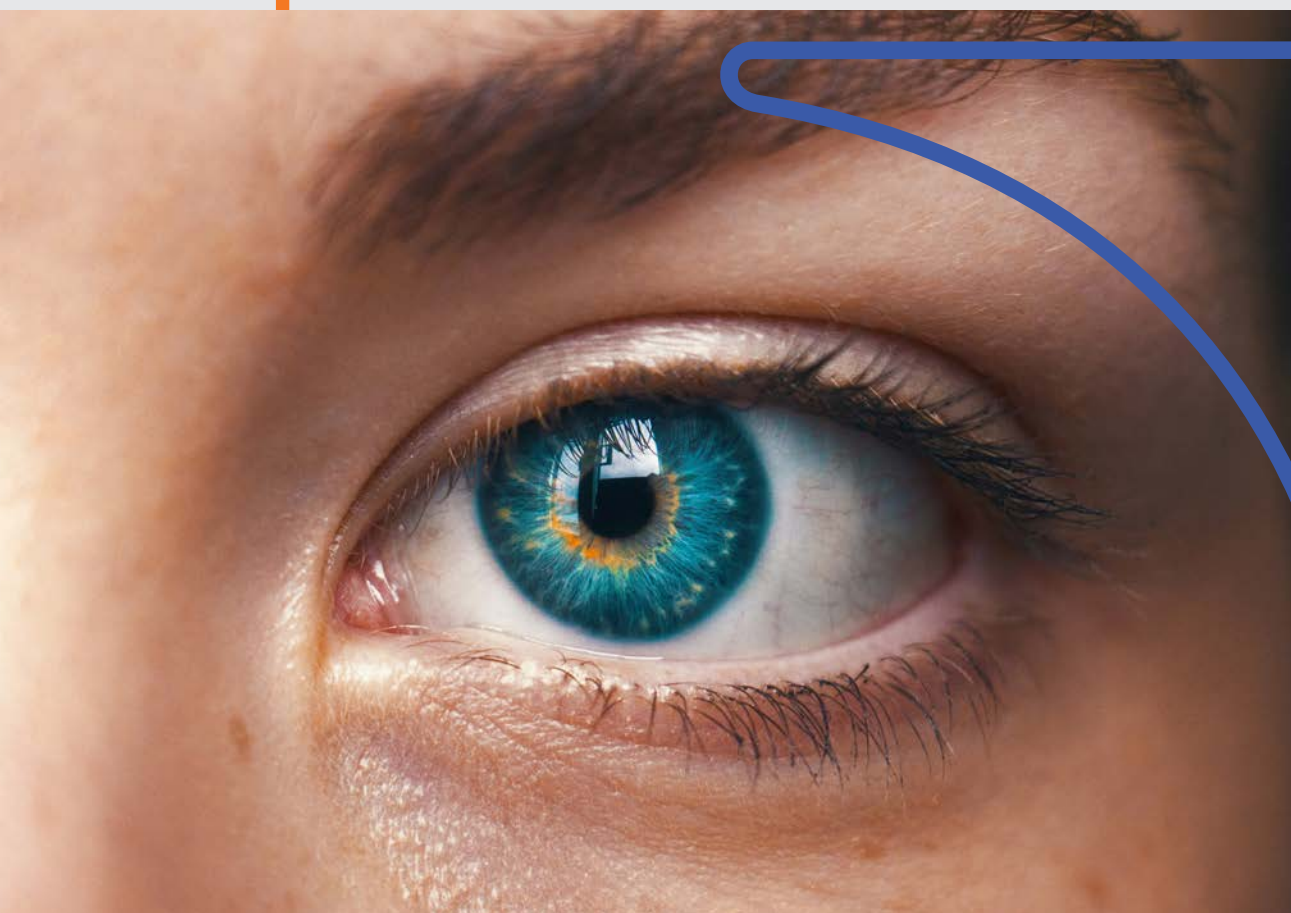
As competências gerais e a formação de um estudante para a vida

FAMÍLIA

O peso do acolhimento no retorno às aulas presenciais

iônica

▶ **mais conexões para os
melhores resultados.**



Licença anual de uso.
Consultar disponibilidade do projeto na sua região.

A aprendizagem conectada
com o futuro começa aqui.
Bem-vindo à **iônica**.



Acesse e conheça.
souionica.com.br

Eu sou o primeiro ambiente digital de aprendizagem da **FTD Educação** e estou com você em todos os passos de sua jornada em busca do conhecimento. Comigo, gestores, professores e estudantes se conectam em um espaço sempre atualizado, integrado, seguro e perfeito para criar, compartilhar, interagir e levar a Educação além.



Minha biblioteca oferece mais de 14 mil livros digitais. Além disso, tenho mais de 32 mil recursos virtuais e mais de 15 mil questões alinhadas à **BNCC** para o professor criar sequências didáticas, tarefas e provas.



Na agenda, professores e alunos organizam suas tarefas, conferem horários e acompanham os status das entregas em tempo real.



O mural é o local de interação entre alunos e professores. Nele, é possível publicar avisos, tirar dúvidas e acompanhar o desenvolvimento das turmas.



Os meus conteúdos digitais podem ser avaliados por todos os usuários, possibilitando um canal direto de feedback.



Para facilitar o acesso, professores e alunos podem organizar os seus conjuntos de livros favoritos.

UM ANO DE RESISTÊNCIA, INOVAÇÃO E COMPARTILHAMENTO

Enquanto as primeiras letras dessa carta a você, leitor, são redigidas, ainda estamos vivenciando os ecos de um isolamento social que tirou das aulas presenciais um contingente de 47 milhões de alunos no Brasil – isso, sem citar os efeitos mundiais dessa crise.

Em meio à turbulência, lições foram aprendidas. Vimos surgir, diante de nossos olhos, relatos de emoção e dedicação, de professores que ultrapassaram barreiras físicas, tecnológicas e econômicas, para levar conhecimento à sua turma escolar. Do outro lado, crianças e adolescentes abnegados, hiperconectados e criativos, que se esforçaram para vivenciar essa nova rotina – uma rota que foi recalculada, sem prazo para voltar ao “antigo normal”.

Há, é claro, espaço para sérios problemas estruturais. Desigualdade no acesso aos materiais e *devices* para acompanhar as aulas. Falta de padronização e metodologia na condução das atividades e um preocupante índice de evasão escolar.

“Acredito que todas as escolas devem ter um cuidado muito forte com o acolhimento e os aspectos socioemocionais, em especial com alunos adolescentes e jovens, diante do que vivenciaram no período do isolamento”, ressalta a presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), Maria Helena Guimarães de Castro, em entrevista nas páginas internas.

A edição nº 11 da revista **Mundo Escolar** traz um olhar para as mudanças, desafios e novidades que serão implementadas em 2021. Meses preenchidos com temas como o retorno gradual das atividades presenciais, o uso de ferramentas tecnológicas nos processos educacionais, a continuidade da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as metodologias ativas e suas possibilidades e, é claro, as novas formas de interação para o ambiente escolar.

Tabus foram quebrados, algumas resistências educacionais também, mas a comunidade escolar agora tem desafios consideráveis a enfrentar. O time de especialistas da FTD Educação é um aliado nessa jornada, explorando diversas linguagens, tecnologias e possibilidades de mediação, com a missão de entregar conteúdo de qualidade a educadores de todo o país.

Editorial Revista Mundo Escolar



Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Ceciliany Alves Feitosa
Luciana Teixeira
Gisele Cruz
Elaine Cristina Castello
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira

Realização:

Presidente:
Edimilson Cardial
Curadoria:
Marcelo Daniel
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:  segmento
Margarete Rios Silva

A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação sob licença da Editora Segmento. A revista reúne conteúdos relevantes para toda a comunidade escolar, originalmente publicados em veículos que compõem o portfólio de publicações da Editora Segmento. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
EDUCAÇÃO | GRÁFICA & LOGÍSTICA

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



28

6 Quem tem medo
do ensino híbrido?

10 Após 2020:
os desafios do planejamento
de um novo ano letivo

16 A formação continuada
em um mundo em transição

22 As competências gerais
e a formação de um estudante para a vida

28 O peso do
acolhimento no retorno às
aulas presenciais

36 Apoio para atravessar
esse momento com eficiência

“ BLENDED LEARNING ”

Professor adotará procedimentos das pedagogias ativas com ou sem a tecnologia, e vai lançar mão de várias estratégias como trabalhos de grupo



Quem tem medo do ensino híbrido?

O modelo que associa a
aprendizagem presencial à
remota não é mais opção, mas
uma necessidade no mundo
escolar pós-pandemia

Dentre os diversos setores e públicos que foram afetados diretamente pelas consequências da pandemia do novo coronavírus, o segmento da educação é um dos que teve impacto direto.

Em agosto, uma pesquisa do Instituto DataSenado, produzida pelo Senado Federal, mostrou que, no Brasil, dos 56 milhões de matriculados na educação básica e superior, 35% (ou 19,5 milhões) tiveram suas aulas suspensas. Outros 58% (32,4 milhões) migraram totalmente para o ensino remoto.

Falar de ensino híbrido é trazer para a metodologia do dia a dia a junção desses dois mundos. “O conceito de *blended learning* é justamente o de ser misturado; não é um Ensino a Distância (EAD), mas um modelo que associa o ensino presencial ao remoto”.

A definição acima foi dada pela educadora Maria Inês Fini, nome reconhecido da Educação brasileira, ex-presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e que, nas últimas décadas, tem se dedicado intensamente para entender e adequar os melhores caminhos e metodologias no ensino brasileiro.

Aos 72 anos, a doutora em ciência, professora, pedagoga e pesquisadora brinca que estava pen-

**“É PRECISO OLHAR ALÉM: A ESSÊNCIA ESTÁ MUITO MAIS
LIGADA AO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO, TANTO QUE
NÃO É SÓ NA INTERNET, É POSSÍVEL FAZER COM RÁDIO,
COM A TELEVISÃO – A IDEIA É AMPLIAR (E NÃO
SUBSTITUIR) AS CAPACIDADES PRESENCIAIS”**

– MARIA INÊS FINI

sando em aprender a fazer crochê, mas não conseguiu: em 14 de outubro, em conjunto com uma equipe de docentes, anunciou uma nova e relevante empreitada no ensino brasileiro, a Associação Nacional de Educação Básica Híbrida – ANEBHI.

UMA ASSOCIAÇÃO E SUA MISSÃO

Sem fins lucrativos, a proposta de um órgão destinado ao ensino híbrido surgiu diante da necessidade de inspirar iniciativas nas diversas realidades educacionais no país, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

A ideia é utilizar de boas práticas na aprendizagem remota com o objetivo de solucionar demandas e melhorar o ensino presencial – que, segundo os preceitos da associação, é algo imprescindível.

Nas palavras que identificam o novo órgão, está a busca por dar metodologia, cientificidade e robustez ao ensino híbrido. Um conteúdo que será direcionado às escolas e ao educador, que poderá ter essas diretrizes como base.

Maria Inês Fini: “é indispensável que a formação dos professores receba a atenção necessária para que eles possam ser facilitadores desse processo”



Divulgação

EVOLUÇÃO SOB PRESSÃO

Em recente entrevista ao jornal O Globo, a professora Maria Inês forneceu uma declaração que ecoou nas estruturas de ensino ao redor do país.

Ao falar sobre o impacto do isolamento social causado pela pandemia, ela trouxe que uma evolução que estava sendo esperada para os próximos dez ou 15 anos, teve de acontecer “da sexta para a segunda-feira mesmo”.

“Houve uma mudança muito drástica, professores se transformaram em youtubers, as famílias que, até então, eram importantes mas em um papel mais coadjuvante, passaram a ser protagonistas – e o docente assumiu uma certa coadjuvância, e não foi uma relação fácil de se estabelecer”, conta, relembando os primeiros momentos da interrupção das aulas.

O pânico estabelecido nos períodos iniciais impactaram a professora, que iniciou um trabalho de gestão de crise, literalmente, colocando-se à disposição de toda a rede.

Nos últimos meses, atendeu por telefone e videoconferência, tirou dúvidas e orientou gestores, professores e, até mesmo, pais de alunos. Em alguns casos, participou de lives transmitidas para as famílias, dizendo que a situação seria superada e esse período, no futuro, recuperado.

Esse contato foi responsável para que tivesse contato com experiências transformadoras que enriqueceram o ensino híbrido ao redor do Brasil.

“Exemplos lindos, como o de gestores que fizeram contato com emissoras de rádio de suas cidades e reservaram, diariamente, uma hora da programação para exposição do conteúdo; e, até mesmo, professores que conseguiam transmitir os conteúdos ao aluno, com ajuda dos vizinhos da casa do estudante”, relata.

DESMISTIFICAR O ENSINO HÍBRIDO

Ao citar exemplos colhidos na adaptação ao isolamento social, a professora reforça um ponto que, em muitos casos, é deixado de lado, quando se fala em ensino híbrido.

“Eu sempre trabalho com três afirmações: informação não é conhecimento; memória não é inteligência; e tecnologia não é pedagogia”, pontua.

5 VERDADES SOBRE BLENDED LEARNING*

1 Historicamente, o ensino híbrido ou “misturado” é uma inovação pedagógica tão antiga quanto as pedagogias ativas, que durante todo o século passado buscaram espaço diante das metodologias mais tradicionais, padronizadas e centradas no ensino e no professor.

2 O surgimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs) potencializaram as pedagogias ativas, com o reforço de aprendizagens como colaboração, solidariedade e outras das competências essenciais ou socioemocionais.

3 Ainda no século 20, o avanço das TICs proporcionou o temor de que esses recursos tecnológicos viriam a substituir a figura do professor, o que mostrou-se infundado, já que o uso desses recursos depende, cada vez mais, da intenção e intervenção pedagógica do educador.

4 No ensino híbrido, o professor adotará procedimentos das pedagogias ativas com ou sem a tecnologia, e vai lançar mão de várias estratégias como trabalhos de grupo; projetos para criar ou analisar a realidade, entre outras propostas.

5 Para casa, o aluno não leva a tradicional tarefa ou algo individual, mas atividades que serão integradas aos recursos para a aprendizagem em sala de aula. Como o modelo de leituras e estudos de conteúdos não presenciais que, posteriormente, vão servir de subsídio para que atividades dinâmicas e criativas sejam realizadas presencialmente.

* Conteúdo adaptado da *Nota Técnica sobre o ensino híbrido*, da conselheira da ANEBHI, professora Guiomar Namó de Mello

Essa premissa de Fini alerta para uma situação bastante comum no ambiente educacional. Nos últimos tempos, diante do inegável avanço, há uma tendência de relacionar as possibilidades de ensino híbrido, obrigatoriamente, à *devices*, plataformas e interfaces tecnológicas de última geração.

“É preciso olhar além: a essência está muito mais ligada ao planejamento pedagógico, tanto que não é só na internet, é possível fazer com rádio, com a televisão – a ideia é ampliar (e não substituir) as capacidades presenciais”, afirma.

A observação chama a atenção para um outro desafio que a professora assumiu, como presidente do conselho deliberativo da TV Escola, uma verdadeira instituição nacional que pode ser multiplicadora dessas propostas.

Nesse sentido, os bons exemplos que já são colhidos ao redor do país estão relacionados a gestores e professores que conseguiram, através de histórias de protagonismo, estabelecer o equilíbrio entre instituição, conteúdo, professores, família e tecnologia.

Outra característica interessante sobre o *blended learning* é, justamente, a ausência de um modelo fixo de implementação. O desenvolvimento tem sido aplicado de acordo com a realidade e a necessidade de cada núcleo escolar. E, sempre, é indispensável que a formação dos professores receba a atenção necessária para que eles possam ser facilitadores desse processo.

Para 2021, pensando já na organização do ano letivo, Maria Inês observa que a modalidade do ensino híbrido assume um papel de plataforma ideal para o professor organizar a reposição de conteúdos, referentes ao período em que as aulas foram interrompidas. E, de certa forma, isso vai acontecer naturalmente.

“Mesmo que não assumam, as instituições de ensino vão utilizar o ensino híbrido – e, na minha opinião, não estou falando apenas dos anos de 2020 e 2021, mas, também, das atividades em 2022 –, é um caminho sem volta e não algo que poderemos decidir se queremos ou não”, conclui. 🌐



Após 2020: os desafios do planejamento de um novo ano letivo

Em um ano atípico na história da humanidade, o que já pode ser dito sobre como serão as diretrizes e adaptações para a retomada das aulas em 2021





Além do conteúdo previsto para 2021, será preciso elaborar uma estratégia para preencher lacunas deixadas ainda em 2020

Isolamento social, interrupção das aulas presenciais, ensino remoto, acesso aos conteúdos. A partir de março de 2020, em especial nos meses subsequentes, o segmento da educação se viu em momentos de pânico e incerteza diante desse novo e repentino cenário.

Após mais de um semestre vivenciando as experiências e adaptações para o chamado “novo normal”, gestores escolares de instituições de educação básica estão atentos às diretrizes nacionais, para saber quais serão as normas dos seus respectivos sistemas de ensino, com o objetivo de compor o planejamento escolar para 2021.

Os holofotes estão direcionados às orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), a fatores como, primeiramente, segurança, volta das aulas presenciais e reposição do currículo, bem como à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tinha no ano de 2020 um período fundamental com os preparativos para implementação do Novo Ensino Médio nas escolas do Brasil.

O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS

Ex-presidente do CNE, o professor da Universidade Regional de Blumenau – Furb, Eduardo Deschamps, participa ativamente das discussões e projeções para a educação no país e, durante a pandemia, não foi diferente.

O educador acredita que, primeiramente, é preciso visualizar qual será o momento em que as redes poderão efetivar um retorno seguro e mais amplo das atividades com os alunos para, assim, executar um planejamento mais concreto para o próximo período.

“Será um ano atípico, onde teremos como desafio o de garantir a atividade presencial essencial e, também, preencher as lacunas deixadas neste ano, com o isolamento”, pontua.

AS AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS

Já realizadas em algumas redes, as avaliações diagnósticas têm por objetivo identificar no aluno em qual estágio ele se encontra, no contexto dos objetivos de aprendizagem.

“Essas avaliações serão aplicadas de maneira geral, para todos os estudantes e, obviamente, para aqueles que estiverem em níveis não tão adequados, deverá ser feito um trabalho mais específico”, explica.

Uma proposta que deverá ser adotada nas realidades das redes pública e particular (ver abaixo).

Deschamps reforça que, além do conteúdo previsto para o ano letivo de 2021, será preciso elaborar uma estratégia para preencher lacunas no aprendizado que tenham sido deixadas ainda em



Deschamps: “mesmo que ultrapasse o período proposto, ainda assim, sou otimista quanto a essa adequação”

Divulgação

2020. “Mesmo que ultrapasse o período proposto, ainda assim, sou otimista quanto a essa adequação”, afirma.

A BNCC

O ano de 2020 começou acelerado e otimista, focado nos trabalhos de desenho e planejamento da programação técnica das mudanças previstas na BNCC para o Novo Ensino Médio. As mudanças nos cronogramas e das aulas presenciais impactaram diretamente nessa logística, que estava em pleno desenvolvimento tanto na rede pública quanto na privada.

Mas, segundo o ex-presidente do CNE, o assunto não foi deixado de lado e, mesmo com certo delay, continuou em pauta entre gestores ao redor do país.

“Até os meses de agosto e setembro, eu recebia apenas solicitações para auxiliar nos processos de retomada e construção de currículos, que eram temas mais urgentes; no entanto, passado esse período, tendo em vista que ainda não é uma etapa de aplicação, as equipes foram estimuladas a continuar produzindo”, garante, citando como exemplos estados como São Paulo, que já aprovaram seus currículos.

Para Deschamps, em 2021 essa implementação será tímida, mas é possível que em 2022 ela seja mais plena ao redor do território nacional.

A TECNOLOGIA

Foco de resistência de alguns professores e gestores, com a brusca interrupção dos trabalhos presenciais, os recursos tecnológicos passaram a fazer parte de uma preocupação mais imediata e urgente.

O uso dessas ferramentas e de todo o potencial que elas oferecem para ajudar os alunos, foram explorados das mais diversas maneiras. Para exemplificar essa realidade, o educador cita frase proferida pela professora doutora Kátia Smole, no jornalístico Fantástico, da TV Globo. “O que ela disse é a mais pura verdade: os professores brasileiros não desistiram dos alunos”.

As consequências do amadurecimento do olhar para essas novas possibilidades poderão ser apli-

REDES PÚBLICA E PARTICULAR

Na educação do Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), de 2019, estamos falando de um universo em que mais de 80% dos alunos matriculados no ensino fundamental e médio, cursam a rede pública – e, consequentemente, os demais 20% estão nas instituições particulares.

Em um contexto de pandemia, foram notadas realidades distintas na implementação de planos de ação para esses dois públicos distintos.

No caso das instituições públicas, alguns dos problemas relatados esbarram na própria realidade brasileira. Em um contexto onde as aulas passaram a se desenvolver em ambiente remoto, dados como os divulgados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), mostram um país onde 39% dos estudantes dessas escolas não possuem nenhum dispositivo para acessar os conteúdos em casa (smartphones, tablets, computadores de mesa e notebooks).

A pesquisa TIC Educação 2019 mostrou, ainda, que 28% das escolas em áreas urbanas possuem algum tipo de plataforma ou de ambiente virtual de aprendizagem – essa estrutura está presente em 64% das escolas particulares e, no caso das públicas, em 14%.

Apesar de um universo menor de alunos e condições mais favoráveis para a implementação de ações durante o período do isolamento social, uma reclamação comum de docentes nessas atividades práticas foi a falta de padronização na forma como os trabalhos foram conduzidos, variando entre uma instituição e outra.

cados, por exemplo, no desenvolvimento do ensino híbrido, alternando ações que necessitam do contato mais humano, com outras que podem ser feitas a partir do uso da tecnologia.

O OLHAR PARA O PROFESSOR

“Vencida a primeira etapa emergencial, do início da pandemia, acredito que a estrutura da educação respondeu muito bem”, avalia Deschamps.

Na sua opinião, em um momento tão adverso, as redes conseguiram, através de um trabalho de comunicação e sensibilização, desenvolver um plano de ação para a continuidade das atividades de ensino.

“O esforço para minimizar os impactos foi significativo – e é fundamental registrar e reconhecer o empenho dos atores do sistema educacional”. 



GESTOR EM FOCO



Perguntas para a **presidente do CNE**

Divulgação

Entre eventos, videoconferências, simpósios e entrevistas para os mais diversos veículos de imprensa, conseguir um horário para ouvir a presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), a socióloga e professora Maria Helena Guimarães de Castro, exigiu versatilidade entre um compromisso e outro.

Mas ela tem atendido a todas solicitações: na posição que ocupa, sua palavra tem um papel norteador para toda a rede de gestores, docentes, estudantes e familiares.

1 Mundo Escolar – Qual será o papel da comunicação (por parte dos gestores e professores) na condução das atividades com segurança, qualidade e equidade?

Maria Helena Guimarães – Com certeza, a comunicação será importante e permanente com as famílias, seja no replanejamento dos currículos ou explicando todos os pontos que as escolas terão de tomar para garantir questões sanitárias e de segurança. Família, alunos e equipe da escola estarão nesse contexto. Antes, durante a retomada e, posteriormente, durante o ano de 2021 como um todo.

2 Por falar em temas como segurança e medo, a Senhora acredita que há uma evolução com relação a isso, para uma retomada das aulas?

Nesse momento, acredito que não. Muitos estados já estão em uma situação de redução dos números relacionados à pandemia mas, mesmo assim, ainda demonstram medo e insegurança. Há uma falta de esclarecimento nesse aspecto, levando em conta que a maioria dos países já teve sucesso no retorno às aulas. Mesmo em países que, mais recentemente, tiveram uma segunda onda de casos, as atividades escolares não foram interrompidas – não está relacionado com a volta às aulas.

“SERÁ PRECISO QUE ELES TENHAM UM TEMPO, PARA QUE POSSAM FALAR SOBRE SUAS PERDAS E DESCOBERTAS, PARA, SÓ DEPOIS, ENTRAREM NUMA ROTINA MAIS ESCOLAR”.

– MARIA HELENA GUIMARÃES

3 De que forma será possível trabalhar o acolhimento, diante dos impactos psicológicos e emocionais? Qual a importância desse tipo de resposta para os alunos e familiares?

Acredito que todas as escolas devem ter um cuidado muito forte com o acolhimento e os aspectos socioemocionais, em especial com alunos adolescentes e jovens, diante do que vivenciaram no período do isolamento. Já há notícias de que houve um processo de sofrimento para eles, por estarem sozinhos, em casa, longe dos amigos. Para os pequenos, a principal preocupação é com o aumento das denúncias de crianças vítimas de abuso e violência doméstica. Em todos os casos, vai ser preciso que eles tenham um tempo, para que possam falar sobre suas perdas e descobertas, para, só depois, entrarem numa rotina mais escolar.

4 A questão da evasão está em pauta? Como prevenir e lidar com esse problema no próximo ano escolar?

Já há estudos em andamento, conduzidos por órgãos nacionais e internacionais como a Unesco e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que mostram dados preocupantes sobre a evasão escolar – em especial na faixa etária acima dos 15 anos. Será preciso conduzir uma busca ativa, ir atrás desses alunos e, principalmente, sinalizar que ele tem chance de recuperar o tempo perdido e, assim, evitar a reprovação. É preciso combater a evasão com medidas positivas e de inclusão de todos, não é justo penalizar esses jovens ainda mais. 🌐



A formação continuada em um mundo em transição

O papel e os desafios do professor em conduzir o processo de aprendizagem, diante das competências, metodologias e tecnologias, para uma nova escola e um novo aluno

Nos últimos meses, os professores estiveram no centro dos holofotes. Com a brusca interrupção das atividades presenciais, muitos docentes tiveram de assimilar processos e dinâmicas para possibilitar, em um curto espaço de tempo, a continuidade das aulas, fora do ambiente escolar e dentro de suas casas.





Gatti, pesquisadora da FCC: “Há a necessidade de os cursos superiores desenvolverem um conteúdo para a prática da escola”



Divulgação

O desafio enfrentado durante a pandemia mostrou, de forma escancarada, o papel de comprometimento e resiliência desses profissionais no Brasil. Mas, quando a crise gerada pelo coronavírus for atenuada, esses personagens ainda vão estar diante de um cenário em transição.

Se por um lado, o que aconteceu foi algo emergencial, já está em desenvolvimento no país, nos últimos anos, mudanças na forma como o professor planeja, conduz e compartilha seus conteúdos.

Exigências como as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a possibilidade do uso de metodologias ativas e a crescente evolução da tecnologia, colocam esses agentes em uma posição de constante aprendizagem, para sair do campo da teoria e aplicar esses conceitos junto aos alunos.

Para a pesquisadora sênior da Fundação Carlos Chagas (FCC), Bernardete Gatti, a formação pedagógica oferecida sempre foi um ponto central em seus estudos e pesquisas. Sob esse olhar acadêmico, a professora mostra uma visão crítica mas, também, otimista sobre as novas demandas do setor.

PREOCUPAÇÃO E DIFERENÇAS

No início da década, em um artigo acadêmico intitulado Formação de professores no Brasil: características e problemas, Gatti evidenciava a preocupação com os cursos responsáveis pela capacitação de docentes.

De acordo com o estudo, dentre outros pontos, alguns temas mais específicos, relacionados ao trabalho do professor em sala de aula, mereceriam mais atenção.

Dez anos depois, a pesquisadora ressalta que houve, sim, avanços nas oportunidades oferecidas a esses profissionais – inclusive, cita como exemplo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). No entanto, ainda enxerga questões na parte curricular, no que tange à formação desses agentes.

“Nosso grande problema ainda está na necessidade de os cursos superiores desenvolverem um conteúdo para a prática da escola, essa parte de como estruturar o funcionamento da rede”, cita.

ASSUNTO CONHECIDO

Sobre as mudanças previstas com a implementação da BNCC, a pesquisadora sênior reflete sobre pontos que considera fundamentais. O primeiro, está na própria definição conceitual do documento. “As exigências sobre como o docente vai rever a forma de aplicação de diversos conteúdos está ligada à formação do currículo – e vale reforçar que, a base não é o currículo”, enfatiza.

O que a professora ressalta é que o texto vai, como o próprio nome diz, embasar o desenvolvimento de cada currículo, que está sendo desenvolvido pelos estados e municípios.

Outro fator destacado pela docente é a questão da espera, necessária para colher os primeiros resultados. “Apesar de os profissionais estarem recebendo a formação continuada há dois anos, eles vão precisar de mais tempo para implementar; imagino que entre três e quatro anos, para ver o que está acontecendo”, diz.

Esse prazo, acredita, vai ser importante também para as mudanças no professor, com o desenvolvimento das propostas do texto da base, exigidas



Divulgação

no processo de aprendizagem. Um tema que, segundo Gatti, já está no universo desses agentes. “Não é nada imediatista, leva um tempo e esforço, é trabalhar o que realmente é essencial”, afirma, complementando que muitos desses eixos já estão nas escolas, desde a popularização de medidas como as Diretrizes Nacionais Curriculares Gerais para a Educação Básica (2010).

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

Na opinião do conselheiro consultivo da Bett Educar, Luiz Roberto Curi, o processo de formação de um docente obedece a uma certa complexidade. O sociólogo, que também é membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), do Ministério da Educação (MEC), ressalta que a primeira etapa é reconhecer o conjunto de habilidades e competências, para integrá-los a conteúdos e ao conjunto de atividades diversas do aprendizado do professor.

De acordo com sua visão, as Diretrizes Curriculares de Formação de Professores, definidas pelo CNE, por amplo processo de mobilização, escuta e participação, são muito mais um documento de estímulo e base à construção de políticas

institucionais curriculares, do que um formulário regulatório.

“Nesse sentido propusemos, inclusive, um procedimento de criação de ambientes próprios de formação inicial e continuada de professores, de forma a integrá-los e não segmentá-los na instituição formadora e, também, a permitir amplo contato com o espaço social da escola básica”, diz.

ATUALIZAÇÃO CONSTANTE

Sobre a necessidade de um profissional que esteja sempre atento a novas propostas, Curi utiliza os exemplos colhidos durante o isolamento social para mostrar um cenário positivo a essa questão. “Se nos concentrarmos na nova formação inicial e continuada do docente e adicionarmos a imensa experiência deles, nessa pandemia, em rearticular o espaço escolar e os padrões de aprendizado, vamos descobrir que estamos preparados”, cita.

Para as diretrizes de formação, segundo o conselheiro, é necessário ampliar o letramento digital e o espaço de construção entre o aprendizado e as tecnologias ou mediação virtual na construção de conteúdos para as competências.

“Essas ações não concorrem com as presenciais; antes, elevam a experiências mais dinâmicas de aprendizado presencial mesmo”, ressalta. Segundo o sociólogo, é possível ampliar o contato entre os futuros docentes e seus colegas e, assim, tornar a experiência menos dependente da sala de aula universitária. “Não se aprende ouvindo e guardando na memória; o aprendizado depende de produção intelectual, interação ampla, leitura e escrita, além de um conjunto de atividades práticas”, complementa.

“MUDAMOS MUITO SOBRE OS TEMAS TECNOLOGIA E CONSUMO DE CONTEÚDO ASSÍNCRONO; MAS NÃO AVANÇAMOS TANTO EM RELAÇÃO À UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIA – ESTAMOS REPRODUZINDO O QUE SEMPRE FOI USADO”.

– GUSTAVO HOFFMANN, GRUPO A

Curi, da Bett Educar: “Ações virtuais não concorrem com as presenciais; antes, elevam a experiências mais dinâmicas de aprendizado”

Hoffmann, do Grupo A: “Acabou sendo meio na marra, mas foi um processo de transformação cultural”

TECNOLOGIA E METODOLOGIA

Apesar de notar, nos últimos meses, uma evidente evolução do uso de recursos de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no processo educacional, o diretor do Grupo A, Gustavo Hoffmann, está se sentindo um pouco frustrado.

O executivo, que dirige um grupo cuja história tem base sólida na inovação no ecossistema do ensino, aponta uma situação bastante comum no período de isolamento que, a seu ver, é preocupante. “Utilizaram ferramentas de videoconferência e streaming para reproduzir, de maneira remota, o que hoje é feito na sala de aula; pegaram o modelo expositivo e trouxeram para o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), mas com o método do presencial”, observa.

Na visão crítica do executivo, não é possível fazer a mesma coisa e esperar resultados diferentes – a mudança deve ser focada no método.

“Mudamos muito sobre o tema tecnologia; também sobre o consumo de conteúdo assíncrono”, reconhece, mas indica: “Não avançamos tanto em relação à utilização de metodologia, estamos reproduzindo o que sempre foi usado”.

RESISTÊNCIA

Tratar da implementação de tecnologias em sala de aula, historicamente, significa falar da questão da resistência às novidades. No entanto, Hoffmann observou, durante a pandemia, uma mudança sensível sobre esse assunto. “Vi muitos professores que diziam que nunca fariam isso e que, com o isolamento social, não havia outra alternativa que não fossem as TIC para que a gente continuasse, oferecendo sincronidade e interação com esses alunos”, comenta.

A experiência, acredita, fez com que profissionais olhassem para trás e vissem as oportunidades que podiam ter aproveitado, por tantos anos. “Acabou sendo meio na marra, mas foi um processo de transformação cultural – e não só técnica, tecnológica –, como eu nunca tinha visto”, afirma.

PEER INSTRUCTION

Dentre as metodologias ativas, Hoffmann sempre foi um defensor do *Peer Instruction*, que tem



Divulgação

como foco o debate e busca engajar alunos nos mais diversos processo de aprendizagem.

“É uma das alternativas para aplicar os conhecimentos em sala de aula, através de cases, problemas e projetos, de forma que os professores tenham possibilidade de desenvolver competências, que extrapolam aos fatores técnicos associados a um determinado conceito”, explica.

A medida, sugere, não tem um público ideal – pode ser aplicada do ensino fundamental a pós-graduação *stricto sensu*. “Posso estar dando aula de Geografia e trazer um case para os alunos em que eles vão ter que usar pensamento crítico, capacidade de solução de problemas, empatia, criatividade, comunicação”, exemplifica.

No entanto, da mesma forma que é um crítico do modelo estritamente positivo, o diretor do grupo A também acredita que a aplicação não deve ser de 100% do método *Peer Instruction*. “É preciso fazer um mix entre o instrucional e o construcionista do processo; entre algo que é padronizado

para um modelo mais centrado do aluno, respeitando seu ritmo – e essa metodologia ativa possibilita essas duas ponte”, ressalta.

INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Para entrevistar um dos autores do livro *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*, Fernando Trevisani, foi preciso encontrar um horário entre uma maratona de intensas gravações em um estúdio de audiovisual no interior de São Paulo. O professor e consultor educacional em metodologias ativas já incorporou em sua rotina essa dinâmica de oferecimento de materiais e propostas, inclusive, para orientar outros docentes em consultorias, cursos e interações de vídeo em seu perfil na rede social Instagram (@fernandomtrevisani).

“O objetivo de qualquer inovação é o de resolver um problema que está ao nosso redor”, conceitua. Para ele, no universo educacional, existem três pontos principais em que ela pode ser realizada: “nos recursos que o professor utiliza, para ensinar os alunos de um ponto de vista novo e com materiais que façam sentido para a prática docente; na didática, quando adota modelos de aulas diferentes; nas concepções sobre a educação, que são as crenças que o professor possui sobre como o conhecimento pode ser construído”.



Divulgação

ENSINO HÍBRIDO E COLETA DE DADOS

Desde 2014, Trevisani integra uma equipe que conduz experiências práticas com o ensino híbrido ao redor do Brasil. Além das atividades, que mesclam o presencial com o ambiente virtual, ele ressalta que os recursos tecnológicos usados para a coleta de dados possuem um papel fundamental, que é o de promover a personalização do ensino.

“É importante notar essa mudança no papel do docente, que passa a ser um designer de aprendizagens – que vai coletar essas informações e criar aulas, para promover a personalização do ensino”, afirma.

Em um exemplo prático, cita o retorno parcial das aulas presenciais no pós-pandemia, para alunos que estão em fase de alfabetização. Com a coleta de dados, o professor terá subsídios para classificar os estudantes de acordo com o nível de escrita ou leitura de cada um. Na prática, diante desse potencial informativo, poderá conduzir a volta à sala de aula em turmas menores, selecionadas de forma que as aulas sejam mais focadas e produtivas.

“Hoje os professores até coletam dados, mas não necessariamente possuem essa intencionalidade, uma característica que surge apenas quando temos conhecimentos teóricos, suficientes para repensar nossa prática”, pontua Trevisani.

O ensino híbrido possibilita, também, que o professor defina quais atividades serão aplicadas segundo o objetivo da aula – como no caso da sala de aula invertida, em que materiais são fornecidos para estudo prévio. “Se, para o momento antes da aula, o professor quiser instruir os alunos sobre determinado conteúdo, vai selecionar recursos mais expositivos, como vídeos; se deseja que os alunos interajam, pode planejar um debate, um trabalho em grupo ou um jogo”, diz.

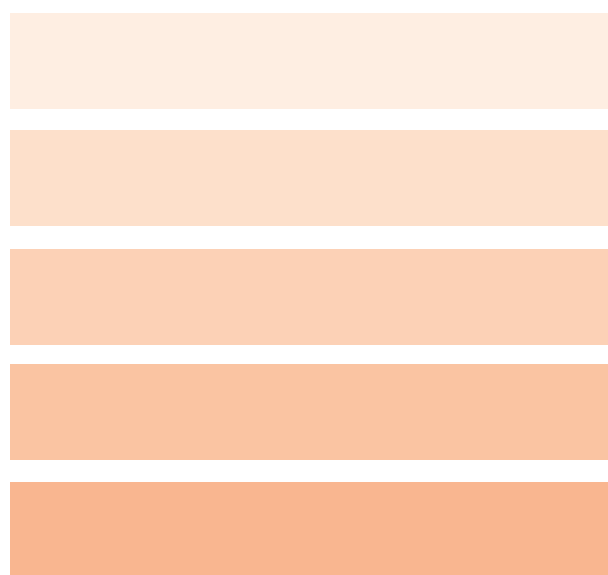
O importante, reforça, é considerar sempre o papel ativo que o aluno terá durante os estudos que realizará e na coleta de dados para a personalização. “Nesse sentido, a formação docente para saber usar os modelos em cada realidade e para cada objetivo se faz essencial”, conclui. 🌐

Para Fernando Trevisani, diante da experiência da coleta de dados, o professor vai passar a ser um designer de aprendizagens

As competências gerais e a formação de um estudante para a vida



**As possibilidades
do desenvolvimento
de conhecimentos,
habilidades e atitudes,
diante dos desafios
das novas formas de
interação no currículo**





Quase meio milhão de visualizações no YouTube. Não. Não se trata de nenhum vídeo com tutoriais de maquiagem, receitas culinárias, vendas ou viagens ao redor do mundo. Toda essa audiência é dedicada a um tema que tem sido priorizado por docentes de todo o Brasil: as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Essas propostas são alinhadas ao texto norteador da base, que determina que a educação deve contemplar todas as dimensões do conhecimento humano: a parte cognitiva, acadêmica, intelectual; mas, também, o desenvolvimento físico e cultural.

Trata-se de um conceito amplamente explorado nas discussões de implementação da BNCC, que é o de educação integral – e que vai muito além do número de horas da jornada estudantil.

A aplicabilidade dessas competências visa à obtenção de bons resultados futuros, são ferramentas importantes na construção de um estudante autônomo, protagonista, criativo e colaborativo.

Em tempos de isolamento social, diante de um período tão singular, essa demanda se fez necessária nesse contexto. Competências como empatia, responsabilidade, cidadania e autoconhecimento, para citar apenas algumas, foram necessárias para compreender e atravessar etapas tão delicadas.

COMUNIDADE E PROTAGONISMO

O vídeo que inicia este artigo não tem grandes recursos de edição ou efeitos especiais. Trata-se de uma interlocutora, olhando para a câmera e discorrendo, em 13 minutos, os principais pontos das competências gerais. Quem fala é a especialista em Educação, ex-coordenadora de escritórios do Unicef para São Paulo e Minas Gerais, Anna Penido, que é integrante do movimento Todos pela Base.

Em conversa com a revista **Mundo Escolar**, ela deixa claro que, assim como todas as demais competências listadas, o protagonismo do aluno faz parte de uma discussão que não pode acontecer dissociada das práticas cotidianas da escola.

“Precisa ser compreendido pela comunidade escolar, isso inclui pais e funcionários da escola”, ressalta.

Para a especialista, isso significa dar voz e ter o aluno no centro de tudo o que se faz nesse ambiente – e que vai muito além de organizar um grêmio estudantil ou planejar eventos, como festas juninas.

“Isso tem que ser feito com convicção: é preciso se importar com esse estudante e acreditar que ele tem potencial”, enfatiza.

Nesse processo, existe a preocupação em deixar algumas práticas recorrentes que, em alguns casos, enxergam o aluno numa posição de problema para a instituição ou, ainda, como alvo de um sentimento de carência. “O maior desafio é olhar o aluno como potência e parte da solução”, diz.

Para trabalhar o protagonismo nas rotinas diárias de uma instituição, segundo Penido, é preciso estabelecer uma relação de justiça nessas interações. “Se queremos uma sociedade mais justa e

Anna Penido:
“O maior desafio é
olhar o aluno como
potência e parte
da solução”



Divulgação

uma educação que promova a igualdade, é preciso reduzir as diferenças nesse cenário”, aponta.

É a premissa de que não é possível oferecer o mesmo tipo de educação para todos os públicos, mas adequar essa abordagem, por exemplo, para públicos que tenham mais ou menos condições.

“Desigualdade não está relacionada à uniformidade; é preciso que a escola estabeleça um vínculo com estudante que ali está”, pontua.

MUNDO REAL

Nesse mesmo sentido, a especialista defende uma conexão dos estudantes com aspectos da vida como ela é. “É o papel da escola de envolver esses alunos em sua comunidade, na resolução de problemas reais, para desenvolver a capacidade de enxergar essas questões, além de estabelecer neles o compromisso com a justiça social”, afirma.

É nesse ambiente que serão colocadas em prática medidas como reflexão e pensamento crítico. Ter contato com problemas locais vai mostrar, ainda, a empatia. É a chance de poder se movimentar pelo outro, que está sendo injustiçado.

Isso serve para realidades menos e mais favorecidas socialmente. “Ele não pode ficar apenas na sua bolha; é preciso combater qualquer visão estereotipada e preconceituosa com a realidade do outro”, pontua.

Trazer essas interações para a sala de aula significa, obrigatoriamente, ter um olhar mais profundo para o outro, o que é feito na forma de interação, de sentir o mesmo pelo colega que está ao lado. Essa já é uma proposta colaborativa, em sua essência.

“E isso tem que ser vivenciado pelo professor também”, salienta Penido. “Se ele não é exemplo, se não promove essas atividades para si próprio, não vai viver as competências”, diz.

ATIVIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Além das discussões no âmbito teórico, que já vêm sendo desenvolvidas há alguns anos sobre a BNCC no Brasil, é preciso uma atuação prática que possibilite a aplicação das competências gerais nas escolas.

AS 10 COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC

1. Conhecimento
2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo
3. Repertório Cultural
4. Comunicação
5. Cultura Digital
6. Trabalho e Projeto de Vida
7. Argumentação
8. Autoconhecimento e Autocuidado
9. Empatia e Cooperação
10. Responsabilidade e Cidadania



Assista ao vídeo das Competências Gerais:
youtu.be/-wtXWfCI6gk

Uma mobilização que envolve não apenas os docentes, mas também os gestores, já que é um assunto que vai além das práticas em sala de aula, envolve dinâmicas e espaço físico do local.

“Quanto ao professor, é saber quais atividades de ensino e aprendizagem serão utilizadas”, observa a especialista, que destaca a oportunidade da utilização de metodologias ativas nesse processo.

“É o momento de os docentes irem se apropriando de outras formas de ensinar, dos debates, projetos, construções coletivas, produção de invenções, laboratório maker, participação dos alunos, entre outras”, enumera.

Na visão de Penido, em uma escala de evolução desse assunto, após um período inicial, lá atrás, onde foi preciso provar que esse tipo de educação era importante, houve a consolidação do texto da BNCC. Nessa mesma linha do tempo, no momento é a fase de garantir que esses componentes estejam presentes nos currículos. Em seguida, a expectativa é que todas as propostas estejam na formação dos professores e, por fim, contempladas nos processos de avaliação e aplicação. 🌐



Juliana Candian, do Instituto Ayrton Senna: "Aprendizagem precisa envolver competências cognitivas, socioemocionais, híbridas, culturais"

Projeto acompanha desenvolvimento socioemocional de jovens

Divulgação

Desenvolvida pelo Instituto Ayrton Senna, proposta já está presente na formação de 340 mil alunos do Ensino Médio

Com o objetivo de superar o modelo aplicado por tantos anos nas escolas, onde a aprendizagem está ligada ao simples acúmulo de conhecimentos, o Instituto Ayrton Senna atua, há 25 anos, na promoção do conceito de educação integral.

“Uma aprendizagem que responda aos desafios do mundo que estamos vivendo precisa ir além da teoria e passa a envolver competências cognitivas, socioemocionais, híbridas, culturais, entre outras, preparando-os para fazer escolhas com base em seu projeto de vida”, explica a especialista em Educação Integral da organização, Juliana Candian.

Na prática e em andamento, o instituto apresenta o case projeto Diálogos Socioemocionais, uma metodologia de desenvolvimento e acompanhamento dessas competências. Ele acontece no ambiente escolar, ao longo do período letivo, com uma perspectiva de avaliação formativa. “Busca acompanhar o percurso do estudante, e não um resultado específico, garantindo ao educador subsídios para intervir até que o aluno alcance um objetivo acordado”, esclarece.

O projeto estimula o diálogo frequente entre professor e estudante, se tornando, portanto, um processo formativo e de autoconhecimento para as duas partes.

No momento, a meta é a implementação da proposta em mais de 1 mil escolas, com cerca de 400 mil estudantes, por meio da formação de mais de 7 mil educadores nas seguintes redes públicas de ensino: Mato Grosso do Sul, Ceará, Fortaleza (CE), Sobral (CE) e Teresina (PI).

COMO FUNCIONA

O projeto atua em quatro grandes frentes. A primeira é a formação de gestores e professores para entendimento, customização e aplicação na escola.

Em seguida, está o oferecimento de instrumentos e metodologias para o desenvolvimento das competências educacionais junto aos estudantes, com o objetivo de alcançar objetivos individuais. Além disso, o instituto também oferece meios para que seja possível o acompanhamento da política educacional de cada Secretaria de Educação.

Por fim, estabelece uma comunidade de práticas, ambiente onde os docentes compartilham e comentam as atividades criadas, para troca de experiências e crescimento.

“Os resultados que temos observado reforçam que essa proposta colabora para o desenvolvimento pleno do estudante, por meio do autoconhecimento, da reflexão e da busca por desenvolver-se de forma integral”, pontua Candian.

O trabalho com o projeto se integra à proposta curricular como possibilidade para formar e potencializar a ação de estudantes protagonistas, para que se sintam corresponsáveis pela sua educação e empoderados na construção dos rumos de suas vidas.

“Permite que haja, na instituição, oportunidades para que esses estudantes aprendam a projetar interesses e sonhos, desenvolvendo uma atitude mais estratégica em relação à vida, para que possam cuidar de suas escolhas para o presente e para o futuro, na escola e fora dela”, conclui. 





O peso do acolhimento no retorno às aulas presenciais

Como devem ser as ações da escola para receber os **alunos** após um longo período de isolamento, perdas, medo e incertezas

Falar do retorno às atividades presenciais é tratar, quase que obrigatoriamente, do estado psicológico dos agentes envolvidos na comunidade escolar. Passados tantos meses de isolamento social, interrupção das atividades presenciais e adaptações nos currículos, chega o momento de traçar planos para a retomada desses processos.

E, nesse contexto, o emocional dos estudantes passa a ser prioridade. “Cuidar bem dessa dimensão é condição primeira para organizar o retorno, adaptar o que for necessário quanto aos conteúdos programados e metodologia”, ressalta o coordenador da Área de Missão e Gestão da União Marista do Brasil (Umbrasil), Ricardo Mariz.

O sociólogo destaca que o ponto de partida para essa adequação deve ser o que ele chama de um “estudante concreto – e não idealizado”.

De forma muito mais intensa que nos últimos anos, aparece também nessa equação a interação da família. Além de toda participação nesse processo nos últimos meses, os familiares também fazem parte da estrutura que vai determinar o bom andamento dos trabalhos, a partir do retorno das atividades.

O COMPLEMENTO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO

Na visão de Mariz, apesar de assumirem papéis distintos, família e escola estabelecem uma parceria de complementação no processo de socialização de crianças, adolescentes e jovens.

Ainda sobre essa relação, relata que, nos últimos tempos, com o uso cada vez maior de recursos de tecnologia da informação dentro das casas, as crianças passaram a ter o “mundo” na ponta dos dedos. Isso também alterou as formas de

se comunicar: as interações passaram a ser maiores e mais constantes. No caso da realidade escolar, ela deixou de existir apenas dentro dos muros do colégio.

Essas mudanças, aponta o especialista, passaram a criar novos questionamentos sobre a definição das funções de cada pilar: o que cabe à família? O que cabe à escola?

O coronavírus chegou e intensificou ainda mais esse quadro. “Como escola, precisamos reconhecer que, apesar de todas as nossas tensões, para as famílias que tiveram condições de viver o isolamento social, o mundo ficou todo ‘engarrafado’ dentro de casa”, afirma.

Ao quebrar esse ritmo, com o retorno das atividades presenciais, a necessidade de um acolhimento para essa experiência faz-se fundamental. “Se, por vezes, sinalizávamos que a escola estava fazendo o papel da família, não parece exagero afirmar que, em função da pandemia, a família em alguns momentos precisou se adaptar e ser, também, escola”, complementa.



Divulgação

Para o coordenador, a antecipação de cenários não deve ser feita sem a cautela necessária – e nem sob a pressão da ansiedade pela resposta

“FAMÍLIA E ESCOLA ESTABELECEM UMA PARCERIA DE COMPLEMENTAÇÃO NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO”.

– RICARDO MARIZ



Saudades, insegurança e medo são alguns dos sentimentos compartilhados pelos estudantes.

Para o sociólogo, é importante trazer para a discussão o que cada um aprendeu com essa experiência e quais ansiedades esse processo construiu para todos os envolvidos.

“A interação da escola com a família deve ser pautada, nesse momento, pelo o que temos de comum: nossos filhos e estudantes e, também, pelo reconhecimento que nem a família e nem a escola possuem toda a clareza necessária dos próximos passos e cenários no futuro”, destaca.

Para o coordenador de Área da Umbrasil, a antecipação de cenários não deve ser feita sem a cautela necessária – e nem sob a pressão da ansiedade pela resposta. “O fundamental é, em conjunto, nos prepararmos para todos os cenários possíveis e construir uma clareza para as nossas famílias, para que tenhamos a melhor resposta possível a cada cenário, apesar de não controlá-los”, diz.

O MEDO E A PERDA

Apesar de estarmos diante de um fenômeno ainda em andamento, já é possível, através de experiências

HÁ UMA EXPECTATIVA DE QUE AS INSTITUIÇÕES SE RELACIONEM DE MANEIRA HUMANIZADA COM O DOCENTE, PARA QUE ELE POSSA SER UM MULTIPLICADOR DAS ROTINAS E PROTOCOLOS NECESSÁRIOS NESSE NOVO MOMENTO.

compartilhadas por especialistas no segmento educacional, apontar possíveis sentimentos que poderão ser notados nos estudantes.

As saudades dos amigos, da segurança e da continuidade da rotina escolar, são exemplos. E, diante da tragédia que atingiu grande parte do planeta, está o medo. O medo da contaminação, de perder pessoas próximas e, até mesmo, de uma possível nova onda do vírus.

“O medo é um tema que deve – ou deveria – estar presente sempre; é uma sensação que está ligada diretamente à preservação e manutenção da vida”, pontua o psicólogo, professor e filósofo Ailton Dias.



Divulgação

Para o psicólogo Ailton Dias, a escola precisa de espaços onde questões da vida sejam discutidas de modo corajoso, atual e significativo

Em suas palestras, que muitas vezes têm como foco o ecossistema do ensino, ele trabalha a reflexão sobre o assunto – em seus lados negativo e, por que não, positivo também.

“Digo isso porque nós o utilizamos, até mesmo, em algumas perspectivas tidas como ‘educacionais’: o incutimos nas crianças desde muito cedo, seja por meio do anúncio do ‘bicho papão’ ou de punições e restrições”, exemplifica.

Para o psicólogo, essas possibilidades de lidar com o medo de forma benéfica são caminhos para encontrar modos de gestão dessas sensações.

“A ESCOLA PRECISA ROMPER COM A MANUTENÇÃO DE UM CURRÍCULO ETÉREO E, ASSIM, PASSAR A TER ESPAÇOS ONDE QUESTÕES DA VIDA SEJAM DISCUTIDAS DE MODO CORAJOSO, ATUAL E SIGNIFICATIVO”.

– AILTON DIAS

“O impacto desse período na vida dos estudantes é uma reflexão que passa pela gestão e cuidado das sensações, sentimentos e emoções e, um primeiro passo, é falar sobre isso”, observa.

Outro conceito muito presente no período, nos meios da comunicação e da sociedade como um todo, é o da perda. “Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, a infância e a adolescência são fases da vida em que somos colocados frente a frente com muitas dificuldades”, reflete.

Para Dias, aprender a lidar com isso é fundamental no desenvolvimento da resiliência, por exemplo, mas essa aprendizagem demanda linguagem e apoio adequados.

“As perdas são uma realidade e precisamos lidar com isso através do diálogo e mútuo apoio afetivo”, diz.

COMO DEVE ATUAR A ESCOLA

Para trabalhar no retorno das atividades, o palestrante se vale das palavras da psicóloga e mes-



tre em filosofia, Viviane Mosé. Em 2013, a intelectual já ressaltava a necessidade de a escola tomar o estudar como uma forma de entendimento da realidade – e, assim, dar aos estudantes condições de tomada de consciência das relações que se estabelecem no seu entorno.

Isso significa assumir uma posição de escuta, de consideração real da vida, para direcionar a construção do conhecimento para o seu desenvolvimento.

UM PONTO QUE DEVE SER COMPREENDIDO NESSE PROCESSO É O DE QUE O CONTEÚDO EMOCIONAL É, TAMBÉM, ESCOLAR.

“Mosé aponta para uma escola com coragem de romper com a manutenção de um currículo etéreo e distante da realidade, em busca de temas como a morte, o tempo, a dor, a violência, a discriminação social, racial, religiosa”, pontua o psicólogo. “A escola precisa de espaços onde essas questões da vida sejam discutidas de modo corajoso, atual e significativo”, afirma.

Um ponto que deve ser compreendido nesse processo, segundo Mariz, sociólogo da Umbrasil, é o de que o conteúdo emocional é, também, escolar. “Sempre foi, mas nem sempre a escola o reconheceu como tal; não aprendemos desvinculados da nossa emoção; na verdade, somos seres de pensamento e emoção e esses processos não acontecem de forma separada”, cita.

Isso significa reconhecer concretamente essa dimensão, num contexto de pandemia, para que seja possível organizar tempo e atividades para confirmar as hipóteses sobre o estado emocional dos estudantes e, assim, pensar em ações específicas.

Além dessas dinâmicas, o especialista sugere que cada professor deve considerar essa dimensão no trabalho do seu componente curricular. “Precisamos de um duplo diagnóstico nessa retomada: cognitivo e emocional. Caso contrário, a escola pode cometer uma ‘violência simbólica’, ao desconsiderar o estado real dos nossos estudantes”, explicita.

Na prática, estão a organização das atividades diagnósticas e a disposição das instituições para mudar seu planejamento a partir dos resultados.

“Quero insistir numa questão: a vida não segue a dinâmica do nosso calendário escolar, na verdade é o contrário, precisamos nos adaptar da melhor maneira possível na escola para transformar tudo o que foi vivido numa oportunidade de aprendizagem”, finaliza. 🌐

É preciso que exista um canal aberto para que professores falem o que estão sentindo; e que seja uma rede local de suporte, onde possam ajudar uns aos outros.





Comunicação Professor **Família - Escola**

**Protocolo
reúne práticas**
para recepção e
orientação dos
docentes

Divulgação

Para Lia Glaz, do Instituto
Península, a comunicação
será fundamental para
que as informações sejam
transmitidas com credibilidade

Um estudo apresentado em agosto, conduzido pelo Instituto Península, mostrou um cenário preocupante sobre os hábitos e sentimentos de professores brasileiros dos mais diversos perfis, diante da pandemia.

Dentre os índices apresentados, ao responder à pergunta “Como você tem se sentido a maior parte do tempo?”, 64% dos ouvidos declararam vivenciar ansiedade e 53% estavam sobrecarregados.

Considerando o momento em que foram questionados, foram constatadas preocupações com a saúde mental e física dos seus alunos e, é claro, também a de seus familiares.

E como os gestores devem receber esses profissionais, que compõem um eixo fundamental no retorno às atividades presenciais?

“Nossa crença é que a comunicação da escola com professor, seja desenvolvida por uma questão de transparência e frequência”, explica a gerente de Projetos do Instituto Península, Lia Glaz.

REDE DE SUPORTE

Diante de toda a pressão e as mudanças drásticas nos processos, há uma expectativa de que as instituições se relacionem de maneira humanizada com o docente, para que ele possa ser um multiplicador das rotinas e protocolos necessários nesse novo momento.

“É preciso que exista um canal aberto para que os professores falem o que eles estão sentindo; e que seja uma rede local de suporte, onde possam ajudar uns aos outros”, complementa.

Nas novas situações e competências que o chamado “novo normal” já exige, como, por exemplo, o cumprimento de todas as normas sanitárias, a forma de comunicar com cada uma das partes será fundamental para o bom andamento das rotinas. “É preciso pensar nesse processo para que as informações existam e sejam, de fato, percebidas como confiáveis, que lhes dê essa segurança”, pontua.

Uma preocupação que, segundo Glaz, deve envolver toda a comunidade escolar, inclusive as famílias. “Eles precisam estar engajados nes-

ALGUNS INSIGHTS DA PESQUISA COM PROFESSORES DURANTE A PANDEMIA



No início da pandemia, **83%** dos professores se declararam não preparados para dar aulas à distância. Em agosto, **94%** dos professores reconhecem a importância da tecnologia para a aprendizagem.



Entre abril e maio, **74%** dos professores gostariam de treinamento para o ensino à distância. Em agosto, apenas **49%** indicaram que a falta de formação é um desafio para o ensino remoto.



O WhatsApp foi declarado como sendo a principal ferramenta de contato entre alunos e professores.

Fonte: Instituto Península. Material completo em <https://bit.ly/35bKCcC>.

se ciclo, para que eles possam fazer parte da ação”, diz.

ORIENTAÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA PROFESSORES

O título acima refere-se ao documento produzido pelo Instituto Península, que tem por objetivo trazer orientações às instituições e, nas palavras do próprio material, fazer um convite à reflexão sobre como acolher essas equipes.

De forma prática e direta, o material sugere a condução dos trabalhos de orientação por meio de um questionário e rodas de acolhimento. Dentre as propostas, estão, por exemplo, aumento das rodas de conversa, criação e formalização de rituais, potencializar as reuniões da Associação de Pais e Mestres e Conselho Escolar etc.

Além disso, é claro, a flexibilização do tempo para que essas atitudes sejam efetivamente colocadas em prática. O conteúdo do material está disponível neste link <https://bit.ly/3pfNVaC>. 📄





Apoio para atravessar esse momento com eficiência

**As soluções
oferecidas e as
lições colhidas em
um ano difícil para o
ecossistema escolar;
e um olhar para o
futuro dos projetos de
educação em 2021**

No âmbito educacional, o ano de 2020 será lembrado como aquele em que, literalmente, as paredes da escola foram “derubadas”, para que as aulas deixassem seu modelo tradicional e ganhassem o mundo – e, também, os lares.

Um período em que gestores, professores, alunos e familiares tiveram de conviver com a dúvida, o medo, a insegurança e, com o passar dos dias, a adaptação e aprendizagem dos caminhos necessários para que as atividades prosseguissem.

Foram tempos repletos de questões como: o que, como e por onde ensinar? Pontos responsáveis por um fenômeno nacional, que fez com que escolas e professores recalculassem suas rotas e rotinas.

“Esse movimento reflexivo nos fez pensar e evoluir dez anos em dez meses”, comenta a diretora adjunta de Produtos e Serviços na FTD Educação, Luciana Teixeira, que acredita que, após todos os desafios apresentados – e que ainda estão em andamento –, não é possível mais pensar em um processo de ensino que não utilize ferramentas digitais ou, então, que não conte com a participação ativa dos alunos.

Em meio ao turbilhão de mudanças e necessidades que partiam dos mais diversos segmentos estudantis, o que se viu foi um esforço multissetorial da FTD Educação, com equipes integradas no desenvolvimento de soluções estratégicas. Caminhos que orientaram, não apenas, seus parceiros, mas que foram abertos para toda comunidade escolar brasileira.

TECNOLOGIA, METODOLOGIA E ESTRATÉGIA

Dentre as iniciativas relevantes nesse contexto, Teixeira cita o ambiente digital Iônica. “É uma plataforma que entrega conteúdos e atividades de qualidade, espaço para que professores criem seus cursos e ministrem suas aulas virtuais, no modelo síncrono ou assíncrono, além das possibilidades de contato e interação”, explica.

Os efeitos externos gerados pela pandemia geraram, de imediato, algumas necessidades mais urgentes para a continuidade das atividades. Automaticamente, os trabalhos de estudos e desenvolvimentos da plataforma foram intensificados, para que novas funcionalidades e materiais relevantes fossem disponibilizados o quanto antes aos parceiros.

O ambiente faz parte de um processo muito forte de transformação digital que vem sendo desenvolvido na FTD Educação nos últimos dois anos – e que viu em 2020 uma aceleração decisiva nos processos e resultados.

Dentre os números mensais que a plataforma já proporciona em sua atividade, estão seus mais de um milhão de acessos e mais de dois milhões de tarefas produzidas. Tema bastante procurado nos últimos tempos, as questões interativas alinhadas à BNCC já totalizam mais de 32 mil itens.



Divulgação

Luciana Teixeira, da FTD: “Esse movimento reflexivo nos fez pensar e evoluir dez anos em dez meses”

CINCO PONTOS FUNDAMENTAIS SOBRE O ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA

1 Nova forma de planejar

Planejar aulas híbridas exige dos professores discernimento e senso de prioridade, um grande exercício para o qual a BNCC pode nos apoiar e direcionar;

2 Novo valor para os momentos presenciais

Privilegiar as interações, socializações e as atividades hands on nos momentos presenciais vai ser primordial para garantir o engajamento dos alunos;

3 Novas metodologias

Utilizar metodologias que promovam maior envolvimento e protagonismo do aluno;

4 Novas formas de interação

Repensar as possibilidades de contato, as regras e rotinas;

5 Nova forma de avaliar

O que e como avaliar conteúdos aprendidos, de maneira que seja, de fato, possível medir a aprendizagem.

fonte: Luciana Teixeira, FTD Educação

“O objetivo é que o aluno tenha um aprendizado efetivo; e que as famílias tenham esse conforto, que é a existência de um espaço que possibilite a aprendizagem contínua e que eles, também, possam acompanhar tudo isso”, comenta a gerente de Marketing, Gisele Cruz.

Outra ferramenta de destaque durante os momentos de crise foi a Consultoria On-Line Educacional, que oferece cursos de formação continuada para professores e gestores e, dentre as inúmeras opções, também há treinamentos sobre as metodologias ativas e uso das tecnologias educacionais.

A plataforma gratuita tem o objetivo a orientação e apoio desses públicos nas suas práticas

pedagógicas. Os cursos estão disponíveis para a atualização profissional desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com propostas para sistemas de ensino, Literatura, idiomas, entre outras.

ESPAÇO DEMOCRÁTICO

Em um trabalho feito em toque de urgência, que envolveu equipes dos mais diversos segmen-

“SABEMOS QUE TEMOS UM CAMINHO FORMATIVO A PERCORRER AQUI E QUE, TODOS NÓS EDUCADORES, PRECISAMOS NOS REINVENTAR A CADA DIA”.

– LUCIANA TEIXEIRA



Privilegiar atividades hands on nos momentos presenciais vai ser primordial para garantir o engajamento dos alunos

tos do grupo educacional, em menos de 48 horas foi colocado no ar o Conteúdo Aberto. “É um espaço democrático, que conta com um grande acervo de conteúdos da FTD e de parceiros, já pré-selecionados e com curadoria pedagógica, editorial e técnica”, explica Teixeira. O objetivo é oferecer recursos gratuitos que apoiem os professores no planejamento de aulas dinâmicas e criativas.

Com a proposta do Conteúdo Aberto, o que se viu foi a necessidade de expandir o apoio para a comunidade escolar, além do universo de relacionamento com o grupo. Uma solução que fosse de livre acesso a todos gestores, docentes, estudantes e familiares.

Em 90 dias, a plataforma registrou 500 mil acessos de usuários únicos. A ação, que tem acompanhamento em tempo real com coleta de

dados e ferramentas de marketing digital, registrou outro insight importante: 35% das pessoas que acessaram eram familiares de alunos.

“Nós tivemos essa percepção e, imediatamente, conseguimos dar uma resposta, oferecendo naquele espaço aquilo que as famílias estavam procurando”, relata Cruz, reforçando o papel da curadoria nesse processo. “Um diferencial muito forte é a credibilidade que esses conteúdos carregam, para que as famílias reconheçam que é algo confiável, que está adequado à faixa etária do estudante, e confiem no material”, diz.

Durante o período do isolamento social, foram firmadas parcerias com 15 edtechs que disponibilizam suas propostas inovadoras no Conteúdo Aberto. Uma delas, a Estuda.com, foi incorporada pela FTD Educação.

NOVOS HÁBITOS TECNOLÓGICOS

Ao analisar as exigências desse novo momento da educação, o uso de recursos digitais e a participação de estudantes, a diretora adjunta traz para essa nova realidade as características que serão mais presentes.

“Esses dois pontos, apenas para começarmos a discutir o tema, nos levam ao ensino híbrido e às metodologias ativas de aprendizagem”, explica Teixeira, reforçando que, apesar de ser um tópico bastante conhecido do segmento educacional, recebeu um contexto diferenciado em 2020. “As propostas já eram estudadas e divulgadas, mas ainda estavam ganhando timidamente os espaços das salas de aula”, cita.

A realidade desenvolvida nos meses mais intensos da pandemia incorporou, por necessidade, na rotina dos docentes, algumas práticas digitais que, até então, não estavam amplamente difundidas entre a maior parte desses profissionais.

Foram hábitos que propuseram uma mudança não apenas técnica, mas comportamental nesse grupo, que passou a se questionar sobre as possibilidades que esses recursos agregam à produtividade.

Como exemplo desse tipo de interação tecnológica estão as videochamadas. Para muitos docentes, os encontros virtuais durante a pandemia foram suas primeiras experiências nesse ambiente. Uma ferramenta que, desde então, já não se configura como algo de difícil utilização e que, certamente, pode passar a fazer parte do seu planejamento.

O mesmo pode ser aplicado a outros pontos, como é o caso dos ambientes virtuais de armazenamento de conteúdos e arquivos. Espaços compartilhados e editáveis, onde todo o material pode ser acessado e disponibilizado com facilidade.

Esses são apenas alguns dos recursos que passaram a fazer parte do cotidiano das aulas durante o isolamento social. Muitos deles, inclusive, não dependem da pandemia para serem utilizados de forma eficiente para otimizar o aprendizado.

“NA PANDEMIA, TIVEMOS EQUIPES INTEIRAS DEDICADAS A PRODUZIR ANÁLISES E PROCURAR NOVAS MARCAS, PARA AMPLIAR O ESCOPO DE NOSSA ENTREGA”.

– GISELE CRUZ

ENSINO HÍBRIDO

Nesse sentido, a proposta de um processo de ensino que mescle as atividades presenciais e digitais mostra-se como um caminho sem volta.

Dentre os pontos que são levados em consideração, estão, é claro, a segurança, já que trata-se de uma grande crise na saúde, mas, também, essa aproximação que já foi possível entre docentes, estudantes e familiares com esses ambientes virtuais.

As instituições terão a necessidade de implementar esses modelos, adequando esses caminhos para que eles atendam à sua necessidade e realidade.

As plataformas de conteúdo da FTD Educação têm o objetivo de oferecer materiais e ideias para que esse modelo de aprendizagem seja aplicado, com eficiência, nos mais diferentes perfis educacionais.

Dentro dessa proposta, o grupo tem atuando em proximidade da inovação, em parcerias com as startups de educação e programas de aceleração.

Durante o período do isolamento social, foram firmadas parcerias com 15 edtechs que disponibilizam suas propostas inovadoras no Conteúdo Aberto. Uma delas, a Estuda.com, foi incorporada pela FTD Educação.

Presente já em 400 instituições de ensino espalhadas pelo país, a startup faz uso de Inteligência Artificial para construir um plano de estudo customizado, que se comporta de forma diferente e assertiva, dependendo dos hábitos de cada estudante.

Por meio de um rico acervo, com as provas dos principais vestibulares e exames nacionais, alunos podem consultar para estudos ou, então,

os professores podem programar avaliações sob medida explorando o universo de mais de 122 mil questões disponíveis.

“Essa rede de colaboração já era importante, mas foi acelerada durante a pandemia”, explica Cruz, referindo-se ao processo de busca e validação de parcerias. “Equipes inteiras dedicadas a produzir análises e procurar novas marcas, para ampliar o escopo de nossa entrega”, afirma.

UM NOVO PROFESSOR

Dentre as características necessárias para atender às demandas dessa realidade da educação, estão questões como as novas habilidades e competências para o professor. “Conhecedor de tecnologias, mediador, curador de conteúdos, facilitador, comunicador, agregador”, enumera Teixeira. “E sabemos que temos um caminho formativo a percorrer aqui e que, todos nós educadores, precisamos nos reinventar a cada dia”, complementa.

Mas também se faz necessário um olhar para o estudante, reflete. “Também precisamos formar um novo aluno que, apesar de já ser usuário de tecnologia, utiliza apenas para o lazer e agora

Uma nova forma sobre o que e como avaliar conteúdos aprendidos, de maneira que seja, de fato, possível medir a aprendizagem

CONHEÇA AS SOLUÇÕES APRESENTADAS

lônica

souionica.com.br

Conteúdo Aberto

conteudoaberto.ftd.com.br

Consultoria On-line

consultoriaonline.ftd.com.br

precisa compreender a capacidade formativa que essas ferramentas oferecem”, afirma.

Essa mudança, acredita, receberá o reforço do uso das metodologias ativas, cujo uso pressupõe um escolar autônomo, protagonista, criativo e colaborativo.

COMPARTILHAMENTO E COLABORAÇÃO

Para Teixeira, essas são as palavras-chaves no novo contexto de disponibilização de conteúdos. “Somadas a uma curadoria séria e responsável, que garanta qualidade e rigor conceitual, serão uma boa fórmula para ampliar as propostas pedagógicas e dinamizar as aulas”, afirma.

A diretora ressalta a importância do oferecimento de ambientes híbridos, que mesclam a oferta do ensino presencial como aulas a distância, como um exemplo de caminho eficiente para esse momento de transformação.

Na opinião da gerente Gisele Cruz, esforços não foram medidos para que as instituições e todo o seu ecossistema pudessem atravessar esse momento tão delicado. Com o retorno gradual para o novo normal, acredita, o espaço conquistado pela tecnologia, as novas metodologias e a busca pela qualidade devem continuar. “A educação não vai mais recuar – e a exigência pela eficiência vai ser cada vez maior”, diz. 🌐



**ACELERAMOS RESULTADOS.
AGORA TAMBÉM FORMANDO
ALUNOS BILÍNGUES.**



**ACELERADORES
DE RESULTADOS®**

140

**TEMAS DE
REDAÇÃO**

28

SIMULADOS

40

**PERIÓDICOS DE
ARTICULAÇÃO**

+

**KIT
CADERNOS
ENEM**

FTD SISTEMA DE ENSINO

TURBO



THE EVOLUTION OF YOUR RESULTS



DANIEL SERRA
Tricampeão - Stock Car

CONTEÚDO ABERTO.

O portal da **FTD Educação** que chegou para transformar sua experiência como educador.

Uma empresa que valoriza o poder transformador da Educação está sempre buscando novas formas de apoiar o trabalho docente. Por isso, a **FTD Educação** criou o portal **Conteúdo Aberto**, espaço repleto de conhecimentos e possibilidades, com conteúdos gratuitos para aulas on-line e presenciais que enriquecem a jornada de professores, famílias e estudantes.



9391 035000049 FTD • MKT

Conteúdos com curadoria educacional, editorial e pedagógica, da Educação Infantil ao Ensino Médio.



Livros de literatura



Conteúdos digitais



Atividades interativas



Formação continuada para educadores



Vídeos



e-Books



Acesse:
CONTEUDOABERTO.FTD.COM.BR

CONTEÚDO ABERTO

FTD
EDUCAÇÃO